

A luta poética de Pignatari

Literatura

Lucia Santaella avalia as várias
facetas de Décio Pignatari
Pág. D7

A LUTA POÉTICA DE PIGNATARI

Depois de romper
com a geração de
1945, ele criou o
concretismo com
irmãos Campos

Antonio Gonçalves Filho

A morte do poeta Décio Pignatari, domingo, aos 85 anos, de infecção pulmonar, após longa convalescença, sofrendo do mal de Alzheimer, provoca um vazio na literatura brasileira, que ganhou com ele e os irmãos Augusto e Haroldo de Campos direito a ingresso no exclusivo grupo concreto internacional, não só no campo poético como visual e musical (durante os anos 1950 ele viveu na Europa, sendo próximo de artistas como o maestro Pierre Boulez). Grande momento da arte brasileira no século 20, o concretismo recebeu impulso enorme das criações literárias de Décio, cujos poemas visuais ajudaram a formatar a estética

principais movimentos culturais dos anos 1950 em diante, inclusive no Tropicalista, nos anos 1960. No ano da realização da 1ª. Bienal Internacional de São Paulo, 1951, Décio rompeu com os poetas da geração de 1945 e fundou, no ano seguinte, o grupo Noigrandes com os irmãos Campos, dedicado à renovação da linguagem poética brasileira.

Décio teve um papel importante na divulgação da produção de poetas, romancistas e músicos da vanguarda europeia e americana, notadamente a do compositor John Cage. Esse livre trânsito entre as diversas artes sempre caracterizou a carreira do poeta, cujos interesses multidisciplinares o levaram a criar, por exemplo, poemas-cartazes no quarto número da revista Noigrandes, em 1958, onde Pignatari apresentou seu plano-piloto para a poesia concreta brasileira, defendendo que não existe poesia revolucionária sem forma revolucionária, o que o aproximava do credo poético de Maiakovski.

Exercendo as mais diferentes funções nos anos 1960, de publicitário a cronista de futebol, Pignatari, que foi colaborador do *Es-*

to da Memória, 1988), romancista (*Panteros*, 1992) e dramaturgo (*Céu de Lona*, 2004). Seu poema mais conhecido é *Cloaca*, musicado por Gilberto Mendes, que faz alusão ao mais popular refrigerante americano e termina com um arroto. Décio, que estava internado no Hospital Universitário da USP, foi enterrado ontem, no Cemitério do Morumbi.

A luta poética de Pignatari

dos artistas do grupo Ruptura nos anos 1950, que forçaram a entrada do Brasil no campo da abstração pictórica.

Nascido em Jundiaí e formado pela Faculdade de Direito da USP, Décio começou sua carreira literária como poeta, em 1949, ao lado dos irmãos Campos, igualmente figuras fundamentais para o advento do concretismo no Brasil e presentes nos

tado, organizou happenings, performances e, nos anos 1970, tornou-se professor de Teoria Literária no curso de pós-graduação da USP, doutorando-se sob orientação do professor Antonio Candido. Além de diversos livros de poemas e traduções de Dante, Shakespeare e Marshall McLuhan, entre outros, Pignatari foi ensaísta (*Teoria da Poesia Concreta*, 1965), contista (*O Ros-*

*
Análise: Lucia Santaella

O gênio e o perdão – a grandeza poética de um mestre

Há muitos anos, em conversa informal, Augusto de Campos declarou que Décio Pignatari era um gênio escarrado a quem quase tudo se perdoa. Quando Pignatari completou 60 anos, Campos lhe dedicou um perfilograma: "(...) teu coração carbonário/capaz de pedra/e pedrada/de avanço e de avesso/de pensar o impensável/ler o ilisível/signar o insignável/de quebrar a cara/e pedir perdão (...)". De fato, em todas as suas multifacetadas práticas e produções, a genialidade de Pignatari irrompia com a força da natureza. Não foi apenas um artista da poesia e da proesia (prosa poética), mas também tradutor, teórico, crítico, professor, jornalista e publicitário. Seguem aqui alguns comentários fragmentados e, ao mesmo tempo misturados, na tentativa de capturar de modo inseparável as distintas facetas criadoras de Pignatari na composição de um todo integrado em que o poeta não se desprendia do crítico, teórico e das práticas enredadas no cotidiano da vida. A grandeza poética de Pignatari não se expressou apenas na poesia concreta. Ele foi poeta pré-concreto, concreto e pós-concreto. Seus poemas pré-concretos são peças de rara estirpe: "Tosco dizer de coisas fluidas,/Gume de rocha rasga o vento;/Semanas



● **Cloaca**
Escrito em 1957, é um dos poemas mais conhecidos de Pignatari. Alusão a um refrigerante, foi musicado por Gilberto Mendes e termina com um arrote

A luta poética de Pignatari

tantas de existir/E de viver um só momento...". (*Poema*, 1949). "Onde eras a mulher deitada, depois/dos ofícios da penumbra, agora/és um poema..." (*O Jogral e a Prostituta Negra*, 1949). "O lugar onde eu nasci nasceu-me/num interstício de marfim/ entre a clareza do início/ e a celeuma do fim..." (*Eu Poema*, 1951).

Alguns de seus poemas concretos, verbivocovisuais – *Terra* (1956), *Life* (1957), *Organismo* (1960) – são imortais. Sua produção pós-concreta é uma sequência de experimentos verbais na constituição de sua incomparável proesia, na qual os grãos densos e condensados da prosa transmutam a narrativa.

*
LUCIA SANTAELLA É PROFESSORA TITULAR E COORDENADORA DO MESTRADO E DOUTORADO EM TECNOLOGIAS DA INTELIGÊNCIA E DESIGN DIGITAL DA PUC-SP E AUTORA DE *CORPO E COMUNICAÇÃO. SINTOMA DA CULTURA* (PAULUS)

estadão.com.br

Artigo. Leia a íntegra da análise de Lucia Santaella sobre Décio Pignatari em estadão.com.br/ejdecio



Em 2009, Pignatari foi também ensaísta, professor, tradutor, publicitário e cronista de futebol